



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JOSEANNE DOS SANTOS SENA
KATHE DE JESUS SANTOS**

**ENTRE BRINCADEIRAS E SABERES ANCESTRAIS: CAMINHOS
PEDAGÓGICOS PARA A VALORIZAÇÃO CULTURAL NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA BOA VISTA**

**SANTARÉM-PA
2024**

**JOSEANNE DOS SANTOS SENA
KATHE DE JESUS SANTOS**

**ENTRE BRINCADEIRAS E SABERES ANCESTRAIS: CAMINHOS
PEDAGÓGICOS PARA A VALORIZAÇÃO CULTURAL NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA BOA VISTA**

Artigo Científico apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à banca examinadora da Universidade federal do Oeste do Pará, vinculada ao Instituto de Ciências da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr. Maria Fátima de Sousa Lima

**SANTARÉM-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- S474e Sena, Joseanne dos Santos
Entre brincadeiras e saberes ancestrais: caminhos pedagógicos para a valorização cultural na comunidade Quilombola Boa Vista./ Joseanne dos Santos Sena e Kathe de Jesus Santos. – Santarém, 2025.
31 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Maria de Fátima de Sousa Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Pedagogia.
1. Materiais didáticos. 2. Brincadeiras tradicionais. 3. Identidade cultural.
I. Santos, Kathe de Jesus. II. Lima, Maria de Fátima de Sousa, *orient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 371.334098115

AGRADECIMENTOS

Joseanne dos Santos Sena

Agradeço primeiramente a Deus, que foi minha fortaleza e guia em todos os momentos dessa jornada.

Agradeço à minha família, meu porto seguro: meus pais, Joane Andrade e José Humberto, pelo apoio incansável, e meus irmãos, Joseney Sena e Josefa Sena, por estarem sempre ao meu lado. Aos meus avós, José Venilo e Maria Janete, que são a base da minha história e inspiração, e à minha tia Cristina, por sua presença constante e apoio nos momentos necessários.

Agradeço também sou grata aos meus primos Jocienisson, Renner, Jocienne, Silvanderson e Raylanne, que sempre me motivaram com sua presença e carinho.

Agradeço à minha dupla, Kathe, que esteve comigo em todos os momentos, desde os desafios iniciais até a conclusão desta etapa. Sua lealdade, amizade e dedicação tornaram essa trajetória muito mais significativa.

Agradeço aos meus amigos Grazy, Sannyla, Lene, Francidalva e Leilson, que me apoiaram e incentivaram, minha eterna gratidão.

A perda do meu avô, José Venilo, foi o momento mais difícil dessa jornada. Ele era minha base e inspiração, e sua ausência quase me fez desistir. Enfrentei um início de depressão, mas, com o apoio da minha família, dos amigos e da minha psicóloga, Karina, consegui forças para continuar. Eles foram fundamentais para que eu não desistisse do meu sonho e do sonho dos meus pais. Minha mãe, Joane Andrade, foi incansável, acreditando em mim e mostrando que era possível seguir em frente.

Agradeço aos professores que contribuíram para minha formação, em especial à Professora Fátima Lima, nossa orientadora, pelo carinho e compromisso, e ao Professor Luís Fernando de França, por seu apoio nas etapas iniciais do trabalho. À minha turma, que esteve unida em toda a caminhada, compartilhando sonhos, desafios e conquistas. Minha sincera gratidão a todos!

AGRADECIMENTOS

Kathe de Jesus Santos

Agradeço primeiramente a Deus, meu grande Pai e amigo, que sempre me sustentou e deu consolo nos momentos difíceis. Ele não me permitiu desistir, apesar do cansaço, e devo a Ele toda a minha gratidão por ter chegado até aqui.

Agradeço à minha família, que sempre torceu pelo meu sucesso e se fez presente, mesmo à distância, especialmente por meio de orações. Aos meus avós, dona Zulma de Jesus e seu Manoel Barbosa dos Santos, que com pouco estudo e muito esforço sonharam comigo e fizeram de tudo para que esses sonhos se tornassem realidade. Concluir o Ensino Superior é o presente de uma neta para os avós que abdicaram de seus próprios sonhos para que eu pudesse viver os meus.

Sou grata à minha prima Sara dos Santos, a primeira da família a concluir o Ensino Superior e uma das minhas maiores inspirações. Sua história de superação me fez acreditar que eu também poderia alcançar meus objetivos, e seu apoio foi crucial para que eu chegasse até aqui.

Aos colegas de turma, agradeço pelos momentos e pela linda história que construímos juntos. Em especial, à minha colega, dupla de TCC e grande amiga Joseanne Sena, que esteve ao meu lado durante todo o percurso. Juntas superamos desafios que pareciam impossíveis e criamos uma irmandade pela qual sou eternamente grata.

Agradeço também aos amigos Renner e Jociênisson, que tornaram essa jornada mais leve, e às companheiras Patrícia, Josefa e Raylanne, pelo carinho e apoio. À minha amiga e parceira de vida, Rebeka Calderaro, que torceu incansavelmente pelas minhas conquistas e esteve ao meu lado, mesmo à distância, nos momentos mais difíceis.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, minha gratidão. À orientadora Maria de Fátima Sousa Lima, pelo acolhimento, e ao professor Luiz Fernando de França, que contribuiu significativamente para a construção desta pesquisa. Obrigada a todos por fazerem parte dessa caminhada.

RESUMO

A educação escolar quilombola é essencial para valorizar a cultura e história das comunidades, fortalecendo identidades étnico-raciais e promovendo equidade. No entanto, a falta de materiais didáticos que reflitam suas especificidades culturais limita o processo educativo. Este estudo foca nas brincadeiras e brinquedos tradicionais, como bonecas de pano e milho, jogos com caroços de frutas e brincadeiras de roda, que carregam memórias ancestrais e saberes transmitidos por gerações. Esses elementos promovem criatividade, aprendizado e reforçam o vínculo dos estudantes com sua cultura e território. O objetivo do trabalho é analisar a produção de materiais didáticos que integrem as características culturais das comunidades quilombolas, com ênfase nas brincadeiras tradicionais como recurso pedagógico. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu revisão bibliográfica nacional, regional e local, além de entrevistas com dez moradores da comunidade Boa Vista, que foram orientadas por critérios que buscavam compreender aspectos fundamentais de suas vivências. Os entrevistados foram selecionados com base na relevância de sua influência dentro da comunidade, nas lutas que enfrentaram ao longo de suas trajetórias, nas causas que defendem e nas experiências pessoais que possuem em relação ao contexto social e cultural da comunidade quilombola. Esses critérios visaram proporcionar uma análise mais aprofundada das dinâmicas internas da comunidade e das formas de resistência e valorização de suas tradições e identidade. Os relatos evidenciam a influência das culturas africanas nas brincadeiras quilombolas e o papel da oralidade na preservação cultural. Os resultados indicam que essas práticas lúdicas não apenas fortalecem a identidade quilombola, mas também podem ser usadas como ferramentas pedagógicas para promover uma educação antirracista e inclusiva. Conclui-se que integrar essas tradições nos materiais didáticos contribui para preservar a memória coletiva, respeitar as especificidades locais e fomentar o pertencimento cultural, transformando a escola em um espaço de valorização da diversidade.

Palavras-chave: Materiais Didáticos. Brincadeiras Tradicionais. Identidade Cultural

ABSTRACT

The quilombola school education is essential to valorize the culture and history of the communities, strengthening ethnic-racial identities and promoting equity. However, the lack of teaching materials that reflect their cultural specificities limits the educational process. This study focuses on traditional games and toys, such as rag dolls and corn dolls, games with fruit seeds, and circle games, which carry ancestral memories and knowledge passed down through generations. These elements promote creativity, learning, and strengthen the students' connection with their culture and territory. The objective of this work is to analyze the production of teaching materials that integrate the cultural characteristics of quilombola communities, with an emphasis on traditional games as a pedagogical resource. The research, with a qualitative approach, involved a national, regional, and local literature review, as well as interviews with ten residents of the Boa Vista community, which were guided by criteria aimed at understanding fundamental aspects of their experiences. The interviewees were selected based on the relevance of their influence within the community, the struggles they faced throughout their lives, the causes they defend, and their personal experiences related to the social and cultural context of the quilombola community. These criteria aimed to provide a deeper analysis of the internal dynamics of the community and the forms of resistance and valorization of its traditions and identity. The accounts highlight the influence of African cultures in quilombola games and the role of oral tradition in cultural preservation. The results indicate that these playful practices not only strengthen the quilombola identity but can also be used as pedagogical tools to promote an anti-racist and inclusive education. It is concluded that integrating these traditions into teaching materials helps preserve collective memory, respect local specificities, and foster cultural belonging, transforming the school into a space for valuing diversity.

Keywords: Teaching Materials. Traditional Games. Cultural Identity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2.LEVANTAMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO E COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	11
2.1 Levantamento de Material Didático a partir do Brincar.....	17
2.2 Levantamento de Materiais Didáticos na Amazônia: Contextos e Iniciativas na Região Norte.....	20
2.3 A Festa de Ramada e Marambiré no Quilombo de Pacoval.....	20
3. SABERES ANCESTRAIS E IDENTIDADE QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A educação escolar quilombola desempenha um papel crucial na valorização das culturas tradicionais e no fortalecimento das identidades étnico-raciais, promovendo o respeito e o reconhecimento das especificidades históricas e culturais das comunidades. Contudo, a ausência de materiais didáticos que dialoguem com as vivências dessas comunidades dificulta a construção de um processo educativo significativo. Em especial, as brincadeiras e os brinquedos tradicionais, que carregam a memória ancestral e refletem o cotidiano das crianças quilombolas, têm um papel essencial na preservação da identidade cultural e na formação de vínculos com o território e a história local. Esses elementos, frequentemente deixados de lado pela educação formal, possuem potencial para enriquecer o currículo escolar e fortalecer a autoestima dos alunos. Assim, resgatar e integrar as práticas lúdicas ancestrais ao contexto educativo é uma estratégia fundamental para promover uma educação mais inclusiva, culturalmente relevante e capaz de valorizar os saberes quilombolas.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a produção de materiais didáticos que integrem as características culturais das comunidades quilombolas, com foco nas brincadeiras e brinquedos tradicionais como recursos didáticos. A partir de uma abordagem que privilegia os saberes ancestrais, busca-se criar recursos pedagógicos que reflitam as práticas culturais locais, promovendo o fortalecimento da identidade e a preservação da memória coletiva. Para alcançar este objetivo, adotou-se uma metodologia qualitativa. De acordo com Minayo (2018, p. 22):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O trabalho também contou com a realização de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p. 44), “é aquela que se desenvolve a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e materiais disponibilizados na internet”. E por fim, utilizamos entrevistas semiestruturadas realizadas com dez moradores do Quilombo Boa Vista – Oriximiná -PA, e teve como critério a relevância e influência dos moradores dentro da comunidade, nas lutas que enfrentaram ao longo de suas trajetórias, nas causas que defendem e nas

experiências pessoais que possuem em relação ao contexto social e cultural da comunidade quilombola. A cerca destas entrevistas, pode-se dizer que

Se caracteriza pela flexibilidade e pela construção de um diálogo entre o pesquisador e o entrevistado, no qual as perguntas preestabelecidas servem como guia, mas o pesquisador tem a liberdade de seguir a conversa de acordo com as respostas e os interesses emergentes (Minayo, 2018, p. 103).

A pesquisa bibliográfica abrangeu estudos nacionais, regionais e locais sobre a educação escolar quilombola, com destaque para a produção de materiais didáticos que valorizem as especificidades culturais e para as discussões sobre a importância da ancestralidade nas práticas pedagógicas. As entrevistas, por sua vez, foram fundamentais para documentar os relatos sobre as brincadeiras e brinquedos tradicionais da comunidade, como a confecção de bonecas de pano e barro, a utilização de caroços de frutas como brinquedos e as brincadeiras de roda, que constituem um legado cultural significativo.

A questão central que norteou esta pesquisa foi compreender como as brincadeiras e os brinquedos tradicionais da comunidade Boa Vista podem ser integrados ao processo educativo para fortalecer a identidade quilombola e enriquecer o currículo escolar. Além disso, buscou-se explorar como os saberes ancestrais podem dialogar com a educação formal, contribuindo para uma pedagogia que valorize as práticas locais e promova o pertencimento cultural. Nesse sentido, a pesquisa também se debruçou sobre os desafios e potencialidades de criar materiais didáticos que reflitam a realidade quilombola e os valores transmitidos por gerações.

O referencial teórico deste trabalho fundamenta-se em autores e documentos que destacam a importância da educação como ferramenta de valorização cultural e combate ao racismo. A Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012) fornecem os marcos legais para a inclusão da história e cultura afro-brasileira e quilombola no currículo escolar, evidenciando a necessidade de um ensino que reflita as vivências dessas comunidades. Custódio e Foster (2019) destacam os desafios da produção de materiais didáticos que respeitem as especificidades culturais, enquanto Moura (2005) enfatiza o papel da oralidade e das tradições na formação identitária quilombola. Trabalhos como o de Míghian Danae e Helen Pinto, organizadoras do livro *Na escola que se brinca: Brincadeiras das crianças quilombolas na Educação Infantil* (2022), reforçam a relevância de integrar

as práticas lúdicas ao processo educativo. Além disso, estudos sobre brincadeiras africanas, como os de Débora Alfaia da Cunha, revelam as conexões entre as práticas lúdicas de origem africana e as brincadeiras tradicionais quilombolas, destacando a ancestralidade como elo fundamental na preservação cultural.

Os relatos coletados junto aos moradores da comunidade Boa Vista reforçam a riqueza das brincadeiras e brinquedos tradicionais, como as bonecas de pano e de milho, os barquinhos de madeira, os jogos de caroço de frutas e as brincadeiras de roda. Essas práticas lúdicas, além de proporcionarem momentos de lazer, são portadoras de saberes ancestrais e refletem a relação intrínseca entre a comunidade e o território. A confecção de brinquedos a partir de materiais naturais e reciclados demonstra a criatividade e a resiliência cultural dos quilombolas, enquanto as brincadeiras coletivas promovem valores como cooperação, respeito e pertencimento. A ancestralidade presente nessas práticas conecta as crianças às suas raízes, ao mesmo tempo em que resgata as contribuições das culturas africanas, como as semelhanças entre as brincadeiras quilombolas e africanas, evidenciadas em jogos como o Mbube Mbube, similar ao cabra-cega brasileiro, e atividades como pular corda e construir brinquedos a partir de materiais locais.

Com base nos relatos e nas discussões teóricas, propõe-se a produção de materiais didáticos que integrem essas práticas culturais ao contexto escolar. A inclusão de histórias, brincadeiras e brinquedos tradicionais nos materiais pedagógicos pode fortalecer os vínculos entre as crianças e sua cultura, além de valorizar o papel dos mais velhos como transmissores de saberes. Essa proposta visa transformar o espaço escolar em um ambiente que respeite e celebre a diversidade cultural, promovendo uma educação que não apenas ensine conteúdos formais, mas também fortaleça a identidade e a memória coletiva das comunidades quilombolas. Assim, ao valorizar a ancestralidade e as práticas lúdicas, este trabalho contribui para a construção de uma educação inclusiva, crítica e culturalmente relevante.

Este trabalho está estruturado em quatro partes principais. A primeira parte realiza um levantamento bibliográfico sobre materiais didáticos e a comunidade quilombola no Brasil, abordando também as leis que contribuíram para a valorização dessa temática, como a Lei 10.639/2003. A segunda parte enfoca a produção de materiais didáticos a partir do brincar, com ênfase nas heranças culturais africanas e quilombolas que são transmitidas por meio das brincadeiras tradicionais. A terceira parte explora iniciativas na região norte, destacando a Festa da Ramada no Quilombo

Pacoval, um exemplo de preservação cultural. Por fim, a última parte analisa o componente curricular "Etnia, Cultura e Identidade", criado na cidade de Oriximiná-PA, além de apresentar a pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade quilombola Boa Vista, com o objetivo de entender a percepção local sobre identidade e memória.

2. LEVANTAMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO E COMUNIDADE QUILOMBOLA

Para Munanga (1998) movimentos negros no Brasil têm uma longa trajetória de resistência e luta por igualdade, com destaque para o papel dos quilombos e das organizações que surgiram ao longo do século XX. Movimentos como o Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978, tiveram grande impacto ao denunciar o racismo estrutural e reivindicar políticas públicas voltadas à valorização da cultura e da história afro-brasileira. Essas iniciativas sempre enfatizaram a educação como uma ferramenta crucial para combater o racismo e transformar a sociedade. Foi nesse contexto de mobilização que, em 2003, a Lei 10.639 foi aprovada, representando uma importante conquista, visto que ela:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (Brasil, 2003).

Desta forma, este marco legal visa reconhecer a contribuição dos afrodescendentes na formação do país e combater as narrativas eurocêntricas que predominavam no currículo escolar. Ao responder às demandas históricas dos movimentos negros, a Lei 10.639 marca um avanço na luta por uma educação mais inclusiva e na promoção da igualdade racial no Brasil.

A aprovação da Lei 10.639, em 2003, deve ser vista como um importante avanço nas lutas dos movimentos negros e quilombolas por reconhecimento e inclusão na sociedade brasileira. Essa lei não surgiu isoladamente, mas como uma resposta às demandas históricas desses movimentos, que reivindicavam uma educação que reconhecesse e valorizasse a contribuição afro-brasileira na formação do país. A legislação também dialoga com os esforços para dismantelar o racismo estrutural no Brasil, começando pela educação.

Ao incluir no currículo oficial das escolas os conteúdos ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, a Lei 10.639 buscou romper com a perspectiva europeia predominante no sistema educacional brasileiro. Historicamente, o ensino no Brasil omitiu ou minimizou a contribuição africana e afrodescendente, muitas vezes remetendo o povo negro apenas à condição de escravizado. A lei corrige essa distorção ao destacar a importância da África, da diáspora africana e dos movimentos de resistência negra, como os quilombos.

Essa mudança é um dos meios de combater o racismo a partir da educação, promovendo a valorização da identidade negra e incentivando a construção de uma sociedade mais plural e igualitária. Ao reconhecer e ensinar a importância da história e da cultura afro-brasileira, a lei contribui para a formação de uma consciência crítica, não apenas em relação ao passado, mas também às formas contemporâneas de discriminação.

Contudo, apesar de ser um avanço significativo, a implementação da Lei 10.639 enfrenta muitos desafios. Faltam ainda capacitação de professores, recursos didáticos adequados e uma efetiva integração desse conteúdo nas disciplinas escolares. Além disso, muitos professores não se sentem preparados ou instruídos para trabalhar com essa temática, o que reflete um racismo estrutural que ainda permeia a educação.

A luta dos movimentos em busca da visibilidade e respeito continua, e a lei acima supracitada é um dos instrumentos que visa modificar os pensamentos arraigados sobre a questão racial no Brasil através do ensino. No entanto, sua efetividade depende de uma mobilização contínua para garantir sua implementação em todas as instituições de ensino, tanto estatais quanto privadas, e de políticas públicas que assegurem a inclusão e valorização da cultura e da história afro-brasileira em todas as áreas da sociedade. O enfrentamento ao racismo e à exclusão é um processo em constante desenvolvimento, e o papel do ensino é crucial para romper com os ciclos de preconceito e desigualdade que ainda permeiam o país.

Outro documento de fundamental importância que norteia e dá continuidade a esse processo de valorização da diversidade étnica e do combate ao racismo no ambiente escolar são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, cujo objetivo é:

[...] oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afro descendente, no sentido de políticas afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história,

cultura e identidade. Trata-se, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos e formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial para interajam na construção de uma nação democrática em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (Brasil, 2004, p. 02).

Essas diretrizes complementam a lei ao fornecer orientações pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais, visando transformar o ambiente escolar em um espaço de respeito, valorização da diversidade e combate ao racismo. Elas propõem mudanças nos conteúdos, na formação de professores e no material didático, de modo a garantir uma educação que promova a igualdade racial e a construção de uma identidade plural. Ambas as normativas trabalham em conjunto para enfrentar o racismo estrutural por intermédio do aprendizado. O foco deste artigo está na elaboração de material didático como orientação educacional na contextualização de conteúdos articulados com a realidade quilombola. Acerca desse suporte pedagógico, as diretrizes afirmam em seu Art. 3º, inciso 1º que:

Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no "caput" deste artigo (Brasil, 2004, p. 32).

Se essa diretriz fosse plenamente efetivada, veríamos uma maior disponibilidade de materiais que abordem a história e cultura afro-brasileira e indígena, capacitação adequada dos professores e a criação de condições favoráveis para a implementação desses conteúdos. No entanto, os principais desafios incluem a falta de investimento financeiro, a insuficiência de formação continuada para educadores e a escassez de materiais didáticos adequados. Essas barreiras dificultam a real inserção das relações étnico-raciais no currículo, comprometendo a efetividade da educação antirracista.

Em 2010, o livro *Estórias Quilombolas*, organizado por Glória Moura, teve grande alcance e foi significativo para assegurar a relação do ensino com a realidade. O livro traz em si diversas narrativas orais (lendas, costumes e mitos), colhidas em vários quilombos do país, valorizando a oralidade e o cotidiano dos respectivos lugares. O termo "estórias" refere-se justamente ao que não é documentado, mas é transmitido como saber popular. Ao dar voz e visibilidade a essas histórias, se

produziu um material didático capaz de fortalecer a identidade quilombola e promover o reconhecimento de sua importância na formação da cultura brasileira. Se percebe que a memória, integrada à tradição oral, é responsável por perpetuar a história dos povos tradicionais por longas gerações, preservando tradições e valores.

No Estado do Rio Grande do Sul, através do projeto de extensão Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas, possibilitou a criação de um livro didático e um DVD que abordam a visão de mundo africana e importantes aspectos culturais. O projeto contemplou 11 comunidades e se baseou em entrevistas e registros audiovisuais, centralizando a memória coletiva como base para a elaboração desses materiais. De acordo com Nunes (2011, p. 3):

[...] são os fios da memória que religam os quilombos contemporâneos às africanidades presentes no Brasil cujo papel da ancestralidade é repositório de saber em que os jovens se dotam de um conhecimento que lhes permite dar continuidade à luta histórica dos afrodescendentes por reconhecimento étnico e social.

O Projeto também ofertou seminários de formação para professores, enfatizando a urgência de uma educação antirracista e a importância da identidade quilombola. Deste modo, esta iniciativa também é um exemplo de como utilizar a oralidade e a memória coletiva para transformar a educação em um espaço diversificado, através da produção de materiais didáticos específicos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN para a Educação Escolar Quilombola – EEQ na Educação Básica, foi pensada e desenvolvida para garantir uma educação pautada no respeito e na valorização das especificidades socioculturais e históricas dos quilombos, buscando promover a inclusão, a equidade e o reconhecimento da identidade cultural das comunidades no contexto escolar, ressaltando a importância de um currículo que reflita a realidade e os valores dos povos quilombolas. Esse registro evidencia a necessidade de um currículo que contemple a história, a cultura e as tradições das comunidades, promovendo uma educação que considere e respeite essas especificidades. Elas preveem a implementação de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade quilombola e que contribuam para a formação integral dos alunos, firmando sua identidade étnico-racial e seu pertencimento cultural.

O documento destaca a importância da produção e utilização de materiais didáticos que reflitam a ancestralidade, a cultura e as vivências dos comunitários. De acordo com o Art. 14º:

A Educação Escolar Quilombola deve ser acompanhada pela prática constante de produção e publicação de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos nas diversas áreas de conhecimento, mediante ações colaborativas entre os sistemas de ensino (Brasil, 2012, p. 8).

É necessário que a elaboração desses materiais tenha como princípio as vozes e os conhecimentos locais incorporados de maneira autêntica e respeitosa, contribuindo, assim, para a preservação e a transmissão dessas culturas também no âmbito escolar. Os conteúdos devem ser relacionados com a realidade local, facilitando a identificação dos alunos com os temas abordados e tornando o aprendizado mais significativo e relevante. Para que haja essa implementação da diversidade curricular, é imprescindível analisar e modificar as práticas pedagógicas ainda utilizadas nas escolas quilombolas, visto que o currículo ainda restringe a história do povo negro. Tradicionalmente, sabe-se que as escolas no Brasil foram desenvolvidas a partir de uma padronização, centrando-se em conteúdos e abordagens que refletem majoritariamente a realidade e aspectos culturais das populações urbanas.

Essas Diretrizes foram desenvolvidas justamente para combater essa desconexão e promover uma educação que seja culturalmente relevante e inclusiva. Essa normativa reconhece a importância de adaptar o currículo para incluir a história, a cultura e os conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas, valorizando suas contribuições e promovendo o respeito à diversidade cultural. Para as DCN para a EEQ a elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas e a capacitação dos professores são aspectos fundamentais para essa abordagem educacional. A criação do PPP de forma participativa, com a colaboração da comunidade escolar e local, é um processo que revela os compromissos, intenções e, sobretudo, a identidade dos seus membros. Este processo deve estar intimamente ligado à realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica das comunidades quilombolas. No Art. 8º do documento acima referido, em seu inciso VII, diz que é necessário a “implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas” (p. 6).

Nesse contexto, é necessário que os conteúdos apresentem em sua base elementos que integram a cultura e a ancestralidade, conectando a tríade escola, família e comunidade para que a criança obtenha referências do seu lugar de origem não se limitando assim a conteúdos sistematizados e descontextualizados. As próprias Diretrizes enfatizam, no parágrafo XVI do Art. 7º a importância do “reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam”. Este parágrafo evidencia a importância da interação e conexão entre as gerações, mantendo a essência do território e as memórias que ali foram construídas. Incorporar isto ao currículo escolar significa dar sentido e relevância às vivências e relações entre os indivíduos.

Agregar esses aspectos no material didático permite que os alunos vejam suas tradições e práticas valorizadas e reconhecidas dentro da escola. Por exemplo, atividades de sala de aula podem ser enriquecidas com a inclusão de histórias locais, contos tradicionais e representações artísticas das comunidades, proporcionando uma educação que não só respeita, mas também celebra essas práticas culturais.

A falta de inclusão das histórias, culturas e tradições quilombolas nos currículos escolares resulta em uma educação descontextualizada para os estudantes dessas comunidades. Esses alunos muitas vezes não se veem representados nos conteúdos ensinados, o que pode levar a uma desconexão com o processo educativo e a um sentimento de desvalorização de sua própria identidade cultural. Além disso, a ausência de contextos relevantes dificulta a compreensão e o aprendizado, pois os conteúdos não dialogam com a realidade vivida pelos estudantes quilombolas. Segundo Moura (2005, p. 72):

(...) a educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo, enquanto nas festas quilombolas as crianças se identificam positivamente com tudo que está acontecendo a sua volta, como condição de um saber que os forma para a vida.

Vale salientar que a efetivação de uma educação escolar quilombola de qualidade acaba sendo um processo lento e gradativo, por não serem oferecidas as condições e materiais devidos. A exemplo dos materiais didáticos, as escolas dificilmente recebem instrumentos que valorizem e contemplem a realidade local, e

ainda mais, há uma dificuldade em encontrar quem produza esses instrumentos. Desta forma, ainda que os alunos quilombolas sejam amparados legalmente, há um distanciamento do que se propõe e o que é oferecido nas escolas. A ausência de produção de materiais didáticos que atendam as especificidades de alunos quilombolas implica na fragilização da identidade e no progresso tardio de uma educação inclusiva. Ainda segundo as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola (2012), compete à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios fornecer materiais didáticos que reconheçam as especificidades culturais e territoriais das comunidades Quilombolas.

De acordo com um levantamento feito por Custódio e Foster (2019), os materiais didáticos registrados e analisados são insuficientes e abordam de forma superficial e limitada a historiografia do negro no Brasil, não se adequando às realidades diversas das comunidades quilombolas do país. Nesta pesquisa observou-se:

(...) que os materiais didáticos produzidos pelos sistemas de ensino estaduais no país atendem, em parte, aos princípios de uma EEQ de qualidade conforme sugerido pelas DCN (2004), no entanto, têm deixado de observar parte dos fundamentos instituídos nas DCN da EEQ (2012) quando não apontam as festividades, atividades econômicas, políticas e sociais do cotidiano quilombola (Custódio; Foster, 2019, p. 208).

A criação de uma proposta de material didático para a Educação Escolar Quilombola não implica abandonar os conhecimentos educacionais tradicionais. Ao contrário, busca-se integrar esses conhecimentos com a dinâmica do cotidiano, o jogo simbólico da vida, e o contínuo crescimento e aprimoramento presentes nas comunidades quilombolas. Essas comunidades são marcadas por desafios, lutas e enfrentamentos, que se manifestam de diversas formas e intensidades. Ademais, esses materiais também devem ser elaborados a partir da autonomia pedagógica, permitindo que os professores quilombolas adaptem os conteúdos de acordo com as particularidades de sua comunidade, respeitando as tradições locais e fortalecendo a identidade coletiva.

2.1 Levantamento de Material Didático a partir do Brincar

Para Kishimoto (1999), as brincadeiras tradicionais são parte fundamental da formação cultural e social das crianças, sendo transmitidas de geração em geração, muitas vezes de forma oral e espontânea. Elas variam conforme a região, mas sempre carregam em si influências de diferentes culturas, especialmente indígenas, africanas e europeias, que compõem a diversidade cultural do país. No âmbito nacional, essas brincadeiras desempenham um papel importante não só no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, mas também na preservação de identidades culturais, proporcionando o fortalecimento de vínculos comunitários.

As brincadeiras, como pular corda, amarelinha, pique-esconde, e jogos de roda, são práticas lúdicas que estimulam a socialização e a criatividade, além de refletirem a realidade local e os valores da comunidade. No contexto educacional, elas são vistas como importantes ferramentas pedagógicas que promovem o aprendizado de forma prazerosa, integrando corpo e mente, e incentivando a cooperação, o respeito às regras e o desenvolvimento de habilidades psicomotoras.

Essas experiências lúdicas, presentes em diferentes regiões do Brasil, também revelam a profunda interligação com as culturas de origem africana. A semelhança entre algumas brincadeiras nacionais e africanas não é mera coincidência, mas fruto de um legado histórico trazido pelos africanos escravizados, que contribuíram significativamente para a formação da cultura brasileira. Dessa forma, as brincadeiras no Brasil não são apenas uma expressão de diversão, mas também um meio de resistência cultural e de preservação de tradições, constituindo uma ponte entre o passado e o presente no processo de formação identitária de inúmeras gerações.

No livro *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural* (2016), de Débora Alfaia da Cunha, diversas brincadeiras tradicionais de culturas africanas apresentam semelhanças com brincadeiras populares no Brasil, evidenciando as conexões culturais entre esses povos. Um exemplo é a brincadeira Mbube Mbube, da África do Sul, que se assemelha à cabra-cega brasileira, na qual uma pessoa de olhos vendados tenta localizar os outros participantes guiados por dicas. Outra brincadeira é o Ayo, da Nigéria, um jogo de tabuleiro similar ao mancala, também presente no Brasil, onde os jogadores utilizam sementes ou pedras em cavidades, desenvolvendo a lógica e a estratégia. A tradicional atividade de pular corda ou traçar trajetórias no chão também encontra paralelo na África, com o pula-pula, prática que remete à amarelinha e ao pula-corda brasileiros. Além disso, a luta de galos, comum em Angola, lembra a brincadeira de luta de galo no Brasil, onde duas pessoas, equilibradas em

uma perna só, tentam derrubar a outra. Já a corrida de pneus, uma prática comum em diversos países africanos, onde as crianças correm empurrando pneus com bastões, é semelhante à diversão infantil em regiões rurais brasileiras, onde materiais reciclados também são usados para o lazer. Essas brincadeiras ilustram a influência das culturas africanas no Brasil e ressaltam a importância do resgate dessas tradições como forma de valorizar a herança cultural africana presente no país.

O Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-brasileiras (2022), organizado por Helen Pinto, Luciana Soares da Silva e Míghian Danae, é uma obra que destaca a riqueza cultural dos povos africanos e afro-brasileiros por meio de suas práticas lúdicas. O material contém brincadeiras de sete países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Este livro é fundamental para promover a valorização da herança cultural africana e sua presença na formação das identidades afrodescendentes no Brasil. A importância da obra reside no resgate e na difusão de brincadeiras que vão além do entretenimento, abordando aspectos como a socialização, o respeito às diferenças e a manutenção de tradições culturais que contribuem para o fortalecimento da autoestima de crianças e jovens afrodescendentes.

O potencial pedagógico é imenso, pois essas brincadeiras podem ser utilizadas como ferramentas para trabalhar a diversidade cultural, a história e o combate ao racismo, além de fortalecer o vínculo comunitário. Elas ajudam a promover o conhecimento sobre as influências africanas que marcaram profundamente a cultura brasileira, como a capoeira, o jongo, o samba de roda e a culinária. Muitas dessas brincadeiras e jogos apresentam variações conforme o contexto regional, revelando a adaptabilidade das práticas culturais africanas e afro-brasileiras ao longo do tempo. Isso reflete o sincretismo cultural e a capacidade dessas manifestações de se transformar, mantendo-se vivas em diversas regiões do Brasil.

Míghian Danae e Helen Pinto, pedagogas negras, também organizaram o livro didático “Na escola que se brinca: Brincadeiras das crianças quilombolas na Educação Infantil” (2022), resultado de uma pesquisa realizada em duas escolas quilombolas na Bahia. As organizadoras se basearam em questionários respondidos pelas professoras e crianças das comunidades São Brás e Monte Recôncavo sobre quais as brincadeiras que brincavam, além da participação das famílias nos registros dessas brincadeiras. Este material incorpora as tradições e os saberes locais ao currículo escolar, criando um espaço onde as crianças quilombolas possam se reconhecer e

ser devidamente valorizadas. Além disso, destaca-se a relevância do brincar e da preservação das brincadeiras tradicionais, as quais estão intrinsecamente ligadas à ancestralidade das comunidades quilombolas. As brincadeiras não são apenas atividades lúdicas, mas sim práticas que transmitem saberes culturais e históricos, mantendo vivas as raízes e as memórias de seus antepassados.

Ao fortalecer a identidade cultural das crianças, o material contribui para a resistência contra a exclusão promovida por práticas pedagógicas homogêneas, que frequentemente ignoram as especificidades de distintos grupos étnico-culturais. Preservar essas brincadeiras é, portanto, preservar o legado ancestral e reforçar o vínculo das novas gerações com suas origens. A produção deste recurso didático exemplifica como os materiais pedagógicos podem ser adequados às realidades locais, promovendo, assim, a inclusão e o respeito à diversidade cultural. Além disso, este material constitui um modelo a ser seguido por outras escolas inseridas em contextos semelhantes, estimulando a criação de recursos que reflitam as vivências, histórias e heranças culturais dos estudantes, contribuindo para uma educação mais inclusiva, plural e significativa, que valoriza a ancestralidade e a memória coletiva.

2.2 Levantamento de Materiais Didáticos na Amazônia: Contextos e Iniciativas na Região Norte

2.3 A Festa de Ramada e Marambiré no Quilombo de Pacoval

A dissertação de Costa (2023), intitulada Festa de Ramada e Marambiré: Educação Quilombola no Pacoval, foca nas manifestações culturais do quilombo Pacoval, localizadas na região Oeste do Pará, no município de Alenquer, como a Festa de Ramada de Santa Luzia e a dança do Marambiré. Essas tradições carregam dimensões educacionais significativas para a comunidade, desempenhando um papel essencial na transmissão de conhecimentos e valores culturais de geração em geração.

Segundo Costa (2023), a Festa de Ramada remonta ao final do século XIX, trazida por mocambeiros e mantida pela família herdeira da Santa Luzia, sem envolvimento direto da paróquia local. O Marambiré, por sua vez, é uma dança que exalta a ancestralidade africana, resistindo à opressão colonial e celebrando a cultura negra. Essas manifestações são fundamentais para a construção da identidade

quilombola no Pacoval, reforçando valores de sociabilidade, religiosidade e resistência:

Esta dança típica do lugar remonta aos moradores mais antigos da comunidade que lutam para manter essa manifestação cultural viva e atuante dentro e fora da comunidade. Em outras palavras, o Marambiré possui em sua essência uma invocação de entidades católicas centrais como a Santíssima Trindade, a Nossa Senhora e a São Benedito, “o santo dos pretos (Costa, 2023, p. 72).

Costa (2023), aborda o papel da escola quilombola e a importância da educação formal e informal no quilombo Pacoval. Ele discute como a educação escolar quilombola pode integrar esses saberes culturais, fortalecendo a identidade da comunidade, evidenciando o papel da escola quilombola e a relação entre educação formal e informal no contexto do Quilombo Pacoval. A educação quilombola, conforme descrita, vai além do ambiente escolar convencional, incorporando os saberes tradicionais da comunidade e integrando-os no cotidiano escolar. A escola, nesse sentido, é um espaço de resistência cultural e um meio de reforçar a identidade quilombola através de práticas formais e informais.

Através da leitura da dissertação de Costa (2023), fica claro os dois tipos de educação:

- a formal, estruturada em currículos e normas escolares, e;
- a informal, vivenciada nas práticas cotidianas da comunidade.

No quilombo, a educação formal segue as diretrizes curriculares nacionais, incluindo a educação escolar quilombola, mas está imbricada com as práticas culturais locais. O autor argumenta que a educação quilombola deve considerar o conhecimento tradicional da comunidade, o que inclui os saberes transmitidos oralmente por gerações, por meio de festas religiosas, danças e outras manifestações culturais.

A educação informal é central para a vida no quilombo, sendo praticada por meio da socialização cotidiana, da convivência com os mais velhos e das práticas culturais, como as festas de Ramada e o Marambiré. Esses eventos não apenas celebram a fé e a tradição, mas também são espaços de transmissão de conhecimento e valores, como a importância da coletividade, da ancestralidade e da religiosidade. A dissertação destaca que esses saberes não são transmitidos de forma

passiva, mas através de um processo dinâmico que envolve a interação entre gerações.

O repasse de saberes é uma categoria central na análise do autor, que define como um processo educativo contínuo, onde os mais velhos compartilham seus conhecimentos culturais, religiosos e sociais com os mais jovens. Esse repasse ocorre nas festas, mas também no cotidiano da vida quilombola, configurando um sistema educacional informal que complementa o currículo escolar.

A escola quilombola, segundo a dissertação, tem um papel fundamental na preservação e fortalecimento da identidade cultural. Ela funciona como um ponto de articulação entre o conhecimento formal e o saber tradicional, buscando integrar as práticas e os valores da comunidade quilombola ao ensino formal. O autor discute que a escola não deve ser vista apenas como um local de reprodução do conhecimento ocidental, mas como um espaço que possibilita a troca e valorização dos saberes quilombolas, visto que:

A educação escolar quilombola é fruto da necessidade de se inserir na prática docente os saberes e os fazeres dessa população dentro do currículo escolar. Pois sabemos que, por muito tempo, a população em questão esteve esquecida e não contemplada no ambiente escolar, nos livros didáticos, no dia-a-dia das escolas (Costa, 2023, p. 83).

Nesse sentido, a escola quilombola é descrita como um espaço de luta e resistência, onde se busca assegurar o direito de uma educação que respeite as especificidades culturais da comunidade. Isso envolve, por exemplo, a inclusão de temas relacionados à história e cultura afro-brasileira, conforme preconizado pela Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. No entanto, o autor vai além, defendendo que a escola deve não apenas ensinar sobre a cultura afro-brasileira de maneira teórica, mas também incorporar as práticas locais, como as festas de Ramada e Marambiré, no currículo e nas atividades escolares.

Para Costa (2023), aponta desafios nessa integração entre a escola e a cultura quilombola. Há um conflito geracional, onde os mais velhos expressam preocupações com a continuidade das tradições culturais, enquanto os mais jovens nem sempre veem a importância de mantê-las. A escola, nesse contexto, tem o potencial de mediar esse conflito, promovendo um diálogo entre as gerações e garantindo que os jovens compreendam o valor das tradições, sem deixar de lado suas próprias perspectivas.

Costa (2023), enfatiza que a educação escolar quilombola precisa ser dialógica, estabelecendo uma ponte entre os saberes tradicionais e os conhecimentos do currículo formal. O desafio está em adaptar o conteúdo escolar de forma que ele se relacione diretamente com as vivências e experiências da comunidade quilombola. Por exemplo, as práticas culturais como o corte do mastro da Santa Luzia ou a dança do Marambiré podem ser inseridas no ensino de história, geografia, música e até mesmo matemática, transformando a escola em um espaço que valoriza e fortalece a identidade quilombola.

Além disso, o autor sugere que o reconhecimento das práticas culturais quilombolas no currículo escolar pode promover o fortalecimento da autoestima dos estudantes, já que eles se veem representados e valorizados dentro do espaço formal da escola. Isso também contribui para a formação de uma identidade coletiva mais sólida, onde a escola não é vista como algo externo ou imposto, mas como uma extensão natural da vida comunitária.

Apesar do papel crucial da escola quilombola, a dissertação destaca alguns desafios para sua plena realização. Um deles é a falta de recursos e de políticas públicas voltadas especificamente para a educação quilombola. Embora haja um marco legal que assegura o direito à educação diferenciada para comunidades quilombolas, muitas escolas enfrentam dificuldades práticas para implementar currículos que valorizem o conhecimento tradicional.

Outro desafio é a resistência de alguns setores da comunidade em aceitar as mudanças propostas pelos jovens ou pela escola. O autor observa que muitos jovens desejam modificar as tradições culturais ou não se identificam completamente com elas, o que gera tensões na transmissão dos saberes tradicionais. A escola, nesse sentido, precisa atuar como mediadora, respeitando as transformações culturais sem perder de vista a importância de preservar os elementos centrais da identidade quilombola.

Por fim, Costa (2023), defende que a escola quilombola tem o potencial de se tornar um verdadeiro espaço de transformação social, promovendo não apenas a educação acadêmica, mas também a construção de uma consciência crítica sobre as questões raciais, de classe e de território que afetam as comunidades quilombolas. Ao articular o saber formal e o saber tradicional, a escola pode contribuir para a autonomia e o fortalecimento da comunidade quilombola como um todo.

O papel da escola quilombola é central na dissertação, sendo vista como um espaço onde os saberes tradicionais e o conhecimento formal se encontram e se complementam. A educação formal, nesse contexto, não deve ser entendida como uma imposição de valores externos, mas como uma oportunidade de fortalecer a identidade quilombola e garantir a transmissão dos saberes culturais de maneira dinâmica e adaptada às novas gerações. A escola é, assim, um local de resistência cultural e de construção de um futuro em que as tradições quilombolas continuam a desempenhar um papel vital na formação dos indivíduos e da comunidade.

O discurso de Costa (2023) sobre a educação quilombola no Pacoval explora como as manifestações culturais, como a Festa de Ramada e a dança do Marambiré, são fundamentais para a transmissão de saberes e fortalecimento da identidade quilombola. Assim como as práticas culturais tradicionais integram-se ao currículo escolar para reforçar os valores da comunidade, a produção de material didático baseado nos brinquedos e brincadeiras locais desempenha um papel semelhante. Esses elementos culturais, presentes no cotidiano da comunidade, são meios eficazes de preservar e transmitir o conhecimento tradicional, ao mesmo tempo em que dialogam com a educação formal.

Tal como a dissertação de Costa (2023), aborda a importância de inserir essas manifestações no contexto escolar, os brinquedos e brincadeiras também podem ser incorporados de maneira pedagógica, reforçando a identidade e a autoestima das crianças ao refletirem suas vivências e cultura. Ao trabalhar com essas práticas lúdicas, cria-se uma conexão entre as gerações, onde o saber tradicional é repassado de forma dinâmica, assim como ocorre nas festas e danças discutidas por Costa. A escola, nesse sentido, transforma-se em um espaço de resistência cultural, que não apenas preserva, mas valoriza e adapta as tradições ao ambiente educacional formal.

3. SABERES ANCESTRAIS E IDENTIDADE QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ

A criação do componente curricular “Etnia, Cultura e Identidade” no município de Oriximiná, situado no oeste paraense, é uma iniciativa pioneira da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Esse componente reflete o compromisso do município em atender às especificidades culturais e históricas de sua população,

composta predominantemente por comunidades quilombolas. Esta unidade integra a parte diversificada do Documento Curricular do Município e busca

Valorizar as características do lugar, os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros: Territorialidade, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital (Axé), Oralidade, Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo Comunitaríssimo, bem como a relação do local com o global (Oriximiná, 2020, p. 1).

A disciplina é abordada nas diretrizes curriculares do Município como uma iniciativa que “valoriza as características do lugar” e organiza o ensino a partir de eixos estruturantes como Cultura e Identidade” e “Espaço/Tempo e suas Transformações. Ele busca assegurar que os alunos quilombolas compreendam a importância de sua história e identidade cultural, promovendo uma educação contextualizada, crítica e inclusiva.

A produção de materiais didáticos que dialoguem com o módulo curricular “Etnia, Cultura e Identidade” é, portanto, uma necessidade fundamental para integrar essas práticas culturais ao cotidiano escolar. Esses materiais não apenas valorizam as vivências locais, mas também promovem uma aprendizagem significativa ao conectar o currículo escolar às experiências das crianças quilombolas. No caso da escola Boa Vista, a inclusão de narrativas sobre as brincadeiras e os saberes ancestrais possibilita uma abordagem pedagógica que reconhece a cultura local como um ponto de partida para o ensino.

A implementação da área temática “Etnia, Cultura e Identidade” na referida instituição destaca a importância de estabelecer uma conexão entre ancestralidade, educação e material didático. Visto que um dos objetivos deste trabalho trata da incorporação das características culturais da comunidade, foram realizadas entrevistas para aprofundamento da temática. Para isso, as narrativas coletadas junto aos mais velhos do quilombo Boa Vista servem como uma base essencial para contextualizar o ensino, trazendo a vivência histórica e cultural como eixo estruturante do aprendizado. Esses relatos revelam práticas tradicionais que podem ser transformadas em materiais pedagógicos, valorizando os saberes locais e fortalecendo a identidade quilombola no ambiente escolar.

As memórias de dona Zuleide, uma das anciãs da comunidade, exemplificam como a criatividade e os recursos do ambiente moldavam as brincadeiras das crianças. Ela relata:

Era peão, era amarelinha, era boneca de cacho de açaí, barquinha de piririma, caroço de ingá. Tinha tantos brinquedos assim da natureza mesmo, que a gente não tinha brinquedo comprado, era tudo da floresta (Santos, 2024).

Essas práticas refletem um aprendizado ecológico espontâneo, que pode ser incorporado ao currículo escolar por meio de instrumentos de ensino que incentivem a confecção de brinquedos sustentáveis e o estudo dos recursos locais. Essas iniciativas, além de promoverem a educação ambiental, reforçam o vínculo dos estudantes com o território e com as tradições que moldaram sua comunidade. Dona Maria Francisca Araújo Ferreira, de 67 anos, também moradora da comunidade, recorda que:

Os meninos brincavam de flecha e faziam barquinhos de pau. Quando não tinham madeira, usavam latinhas de sardinha, furavam, passavam um fio e as transformavam em canoas. Os barquinhos de pau iam na frente, rebocando as latinhas, que eles chamavam de canoas (Ferreira, 2024).

As entrevistas revelam que os saberes ancestrais podem ser traduzidos em recursos pedagógicos que conectem a história e cultura locais à formação escolar. Dessa forma, a escola da comunidade Boa Vista se torna um espaço de valorização da memória coletiva e de celebração da identidade quilombola. Essas ferramentas didáticas, fundamentadas em narrativas, transformam as experiências do passado em instrumentos para a construção de uma educação inclusiva, crítica e profundamente conectada à ancestralidade.

Com base nos textos e autores mencionados no artigo, diversos suportes pedagógicos podem ser desenvolvidos para promover uma educação que valorize a cultura, a ancestralidade e a identidade das comunidades quilombolas. A criação de materiais didáticos contextualizados é um passo fundamental, como apontado por Custódio e Foster (2019), que ressaltam a necessidade de instrumentos pedagógicos que contemplem a realidade cultural e histórica das comunidades. Esses materiais podem incluir narrativas locais, histórias orais e lendas, valorizando o papel da oralidade destacado por Moura (2005) e refletindo a vivência dos quilombolas. A inclusão de brincadeiras tradicionais como pular corda, amarelinha e jogos de roda, conforme discutido por Débora Alfaia da Cunha (2016) e no Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras (2022), pode enriquecer as aulas de educação física e fortalecer o vínculo com a ancestralidade africana.

Oficinas de confecção de brinquedos sustentáveis, inspiradas nas memórias compartilhadas pelos anciãos da comunidade Boa Vista, como relatado no artigo, podem integrar práticas ecológicas e culturais, incentivando o uso de materiais naturais ou reciclados para criar bonecas de milho, barquinhos de madeira e outros brinquedos. Essas atividades conectam os alunos à sua história, ao mesmo tempo que promovem a educação ambiental e a sustentabilidade.

Em disciplinas como história e geografia, é possível incorporar os eixos estruturantes propostos no componente curricular “Etnia, Cultura e Identidade” de Oriximiná, que inclui valores como ancestralidade, memória e ludicidade. Costa (2023) também destaca a importância de integrar festas e manifestações culturais quilombolas, como o Marambiré e a Festa de Ramada, ao currículo escolar, reforçando a identidade coletiva e a continuidade das tradições, além de tornar a instituição educacional em um espaço de resistência cultural, promovendo um diálogo entre saberes tradicionais e o ensino formal.

Além disso, a organização de exposições e apresentações culturais pode envolver os alunos na pesquisa e recriação de manifestações artísticas, como danças, músicas e festividades tradicionais, permitindo uma celebração ativa da identidade quilombola no ambiente escolar. A produção de recursos pedagógicos inspirados em obras como “Na Escola que se Brinca” (2022) e “Estórias Quilombolas” (2010) exemplifica como narrativas locais e práticas culturais podem ser integradas ao ensino para fomentar uma educação inclusiva e crítica.

Por fim, atividades baseadas na oralidade e no diálogo intergeracional podem ser incorporadas às práticas escolares, convidando os mais velhos a compartilhar memórias e conhecimentos ancestrais. Como enfatizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), esses suportes pedagógicos conectam a história e a cultura local ao aprendizado formal, garantindo um ensino que respeite e celebre a diversidade. Dessa forma, a escola transforma-se em um espaço que valoriza as contribuições dos quilombos, fortalecendo a autoestima e a identidade cultural dos estudantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidencia a importância de criar materiais didáticos que reflitam as especificidades culturais e históricas da educação escolar quilombola, contribuindo para uma formação inclusiva e antirracista. Embora existam atualmente vinte e seis (26) comunidades quilombolas tituladas no território de Oriximiná-PA, ainda se enfrenta desafios relacionados à insuficiência de recursos pedagógicos que dialoguem com suas identidades e tradições. Essa realidade demonstra a necessidade de ações que promovam a valorização de sua rica herança cultural no ambiente educacional.

A ausência de materiais didáticos que incorporem as práticas, os saberes ancestrais e as memórias locais compromete o fortalecimento da identidade cultural dos alunos e o vínculo deles com a escola. Quando os conteúdos escolares não dialogam com a realidade vivida pelos estudantes, há uma desconexão que pode dificultar a formação de uma autoestima positiva e o pertencimento cultural. Por isso, é essencial elaborar recursos que integrem elementos como narrativas locais, brincadeiras tradicionais e conhecimentos transmitidos entre gerações, transformando-os em instrumentos pedagógicos significativos.

A produção de recursos didáticos que reconheçam e valorizem a ancestralidade quilombola contribui para a construção de uma pedagogia que transcende o ensino de conteúdos formais, promovendo o respeito à diversidade e combatendo o racismo estrutural. Essas iniciativas reforçam a memória coletiva, fortalecem laços comunitários e criam um ambiente escolar em que a cultura afro-brasileira e quilombola ocupa lugar de destaque. Ao fazer isso, assegura-se que a educação não apenas transmita conhecimento, mas também construa uma sociedade mais justa e plural.

Também é preciso investir em materiais específicos para comunidades quilombolas, como a de Boa Vista, é um passo estratégico para combater o apagamento cultural e histórico. Esses recursos podem incorporar saberes locais, histórias e manifestações culturais que conectem os estudantes à sua origem, ao mesmo tempo que criam uma ponte entre o passado e o futuro. Tais materiais, ao representarem as vivências dos estudantes, não apenas ampliam a relevância do processo educativo, mas também contribuem para a construção de uma consciência crítica e emancipatória.

Assim, garantir a implementação de recursos didáticos pedagógicas contextualizadas requer o engajamento de políticas públicas, pesquisadores e

educadores. A valorização das especificidades culturais quilombolas no espaço escolar é indispensável para consolidar a escola como um lugar de resistência, inclusão e transformação social. A experiência do Quilombo Boa Vista deve ser vista como um exemplo para repensar práticas educativas em comunidades tradicionais, promovendo a justiça histórica e o fortalecimento da identidade coletiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília, 2012.

COSTA, Roberth Luiz Nogueira da. **Festa da Ramada e Marambiré: educação quilombola no Pacoval**. 2023. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. 2016.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Educação escolar quilombola no Brasil: uma análise sobre os materiais didáticos produzidos pelos sistemas estaduais de ensino. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, p. 193-211, Curitiba, 2019.

DANAÉ, Míghian; PINTO, Helen. **Na escola que se brinca: brincadeiras das crianças quilombolas na educação infantil**. 2022.

FERREIRA, Maria Francisca Araújo. Entrevista concedida a Joseanne dos Santos Sena e Kathe de Jesus Santos. Comunidade Boa Vista, 16 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e a educação infantil. São Paulo: **Pioneira**, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. Ed. São Paulo: **Hucitec**, 2018.

MOURA, Glória. **Estórias quilombolas**. 2010.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: **Ática**, 1988.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. Ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 69-82.

NUNES, Míghian Danae. **Cultura, terra e resistência**: matrizes por onde construir materiais didáticos para comunidades quilombolas. 2011.

ORIXIMINÁ. Plano de Curso – Educação Escolar Quilombola: Componente Curricular Etnia, Cultura e Identidade (1º ao 9º ano do Ensino Fundamental). Oriximiná: **Prefeitura Municipal**, 2020.

PINTO, Helen; SILVA, Luciana Soares da; DANAÉ, Míghian. **Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileira**, 2022.

SANTOS, Maria Zuleide Viana dos. Entrevista concedida a Joseanne dos Santos Sena e Kathe de Jesus Santos. Comunidade Boa Vista, 16 out. 2024.